

O PENSAMENTO SOBRE A INFÂNCIA E A INFÂNCIA DO PENSAMENTO: O ENSINO DE FILOSOFIA E A CULTURA CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Williams Nunes da Cunha Junior ¹

RESUMO

É possível pensar no desenvolvimento de uma cultura científica, ou científica-filosófica, na Educação Infantil? Se sim, como fazê-la acontecer na educação das crianças pequenas? Esses são alguns dos questionamentos que trazemos para a reflexão no trabalho que apresentamos. O artigo é fruto das discussões realizadas durante os “Seminários de Pesquisa sobre Docência e Práticas Educativas na Educação Infantil”, disciplina cursada no Doutorado em Educação da Universidade Federal de Alagoas. A partir de uma pesquisa bibliográfica, investigamos as concepções necessárias de infância e criança para fundamentar a prática científica-filosófica na Educação Infantil, além de refletirmos sobre como proporcionar essa experiência. Para tanto, nos baseamos em autores como LIPMAN (1990); LEAL (2008); KOHAN (2008; 2015); SOUZA (2016), entre outros pesquisadores que lidam com a temática da infância. É necessário entender a infância/criança como possibilidade, como capaz de fazer emergir novos significados para o mundo, distanciando-se daquela concepção dessa fase apenas como carência, falta, incompletude. A infância/criança traz consigo características que coadunam com o fazer científico e filosófico, como a curiosidade, a capacidade inquisitiva, o querer saber mais sobre o mundo que a cerca, potencialidades estas que tornam possível o desenvolvimento de uma cultura científica-filosófica desde a Educação Infantil. Para isso é preciso respeitar as especificidades da infância/criança e, de forma especial, aprender a ouvi-las, compreendendo que elas possuem um modo peculiar de ver o mundo, de expressá-lo, o que difere do modo adultocêntrico de percepção.

Palavras-chave: Infância. Criança. Ciência. Filosofia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado das discussões realizadas na disciplina de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, *Seminários de Docência e Práticas em Educação Infantil*, sobre a possibilidade das crianças pequenas se envolverem no que chamamos de cultura científica. A infância é o lugar da descoberta, da investigação, atitudes que são próprias da infância, atitudes que também são esperadas no fazer científico, bem como no fazer filosófico, o que faz com que haja uma relação possível entre essas vivências.

¹ Doutorando em Educação do PPGE da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). E-mail: williamsjr_cmf@hotmail.com.



A partir do exposto é que falamos sobre uma cultura científica-filosófica na educação infantil. Para que essa prática seja possível, há que se ter uma nova visão sobre a infância, uma perspectiva muito mais afirmativa do que aquela da infância como negação, como carência, como falta, apenas. Pensadores como o filósofo Matthew Lipman nos ajudam a reconhecer a infância como lugar de racionalidade, esta entendida como a capacidade que as crianças possuem de produzir novos modos de significação do mundo.

O reconhecimento da criança como ser capaz de expressão de si, da infância não como o lugar da não-fala, da impossibilidade do falar, mas como lugar de manifestação dessa expressão de si, ainda que diferente da linguagem do adulto, é outro ponto a se considerar quando se pensa a cultura científica-filosófica na educação infantil. Além do novo olhar, reconhecer que a infância “fala”, ainda que a sua própria maneira, o que exige do adulto novas formas de compreensão.

Na perspectiva apresentada, as comunidades de investigação, por investirem na possibilidade do diálogo, surgem como possibilidade para a promoção e incentivo da cultura científico-filosófica com as crianças pequenas. Aqui, apresentamos a ideia de comunidade de investigação com base no pensamento de Matthew Lipman, entendendo que adaptações são possíveis sempre que o contexto assim exigir.

No primeiro tópico de nosso trabalho, “*Pensando a infância e a criança*”, trazemos uma reflexão sobre essas vivências e sua importância para o que aqui chamamos de cultura científico-filosófica. No segundo tópico, “*Cultura científica e cultura filosófica: possibilidades*”, apresentamos o conceito de cultura científico-filosófica e o nosso entendimento sobre ele, a partir dos conceitos geradores, além de como sua promoção é possível na educação infantil. No terceiro tópico, “*Uma metodologia possível?*”, ensaiamos o como poderíamos fazer para a promoção da cultura que aqui propomos.

A possibilidade do desenvolvimento da cultura científico-filosófica na educação infantil é possível e se faz necessária se queremos uma sociedade de pessoas críticas e capazes de ir além do meramente posto. Assim, nossa pesquisa encontra sua razão de ser ao propor uma prática diferenciada desde a educação infantil e que muito tem a contribuir para uma vida mais plena e humanizada.

PENSANDO A INFÂNCIA E A CRIANÇA

A discussão sobre o ensino de filosofia para/com crianças implica no pensamento sobre a/as infância/as e as crianças. Aqui poderíamos falar sobre uma filosofia ou filosofias da/s

infância/as. O pensador estadunidense Matthew Lipman, referência na proposição da criança como capaz de pensar filosoficamente, propõe algumas questões que fariam parte dessa discussão filosófica: as crianças têm direito a raciocinar? As crianças podem se engajar numa discussão ética? Os papéis das crianças podem ser úteis à Filosofia Social? A própria pergunta sobre “O que é uma criança?” formariam problemas para essa suposta área da filosofia (LIPMAN, 1990). Poderíamos acrescentar aqui a questão do significado da própria infância como uma questão filosófica da qual se ocuparia a filosofia da infância.

A proposição de que a criança é capaz de filosofar pressupõe o reconhecimento de uma racionalidade presente na criança. Nas palavras do próprio Lipman (1990, p. 223):

Se recusamos reconhecer a racionalidade da criança, não podemos nos engajar satisfatoriamente no diálogo filosófico com elas, porque não podemos aceitar suas expressões como razões. Se não podemos fazer filosofia com as crianças, privamos sua educação do verdadeiro componente que pode fazer tal educação mais significativa. E se negamos às crianças uma educação significativa, asseguramos que a ignorância, irresponsabilidade e mediocridade que prevalecem entre os adultos continuarão a existir.

O reconhecimento da capacidade da criança se envolver com o filosofar pode ser vista como uma contribuição do pensador norte-americano para uma nova perspectiva com relação à infância, ainda que esse novo entendimento já estivesse se desenvolvendo com a Sociologia da Infância. Ressaltamos que o que reconhecemos como racionalidade é justamente a capacidade que as crianças possuem para produzir novos modos de significação do mundo, significados esses que muitas vezes divergem daqueles dos adultos.

A possibilidade da filosofia com crianças ou mesmo de um envolvimento destas com a cultura científica pressupõem o entendimento da infância como categoria construída socialmente e culturalmente, como afirma Souza (2016), o que possibilitaria que as crianças fossem vistas como atores sociais. A criança cria cultura ao atribuir novos sentidos ao mundo que a cerca.

A partir dessa nova perspectiva, “as crianças [...] são reconhecidas como capazes de formular interpretações da sociedade, dos outros e de si próprias, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos” (SOUZA, 2016, p. 45). A valorização das formas de pensar e de significar o mundo, por parte das crianças, se tornam imprescindíveis para possibilitar a experiência do filosofar, como também a experiência de uma cultura científica na educação infantil.

O novo modo de perceber a infância e a criança passa por um processo histórico-social, no qual antes ela era vista a partir da falta, da ausência, daquilo que ela não era. Diversas vezes comparada com o adulto ou vista como uma miniatura deste, alijada de sua própria

subjetividade e potencialidades de criação de novos mundos, a ela não foi dada nem voz, nem vez. Tal percepção ainda se encontra presente em muitos ambientes de educação da infância, apesar de tantos avanços significativos.

As ideias do filósofo Jean-Jacques Rousseau, juntamente com os estudos da Sociologia da Infância, cada um a seu modo, contribuíram para um novo olhar sobre a infância, marcados pela especificidade dessa experiência humana. Em Rousseau, temos a infância vista como um período de cuidados específicos, mas ainda percebido como um momento de ingenuidade, o qual deve ser resguardado da corrupção social. Os estudos da Sociologia da Infância, por sua vez, afirmam as crianças enquanto seres sociais, não a partir do que lhes falta, mas sim do que elas são capazes.

A possibilidade de inserção da infância no pensamento filosófico, bem como numa cultura científica implica ainda “conceber a criança como um ser capaz de expressar a si mesmo” (PENITENTE; CRUZ; MORAES, 2018, p. 240), bem como “a escutar e observar as crianças sem o olhar adulto” (PENITENTE; CRUZ; MORAES, 2018, p. 241). Assim, quando falamos em pensamento filosófico não estamos propondo um pensar sofisticado, como algo próprio de iniciados, nem propondo os momentos com a filosofia como um desfile de pensadores dessa área, mas sim um pensar que é próprio das crianças, que respeita a suas especificidades.

A relação entre filosofia e infância pode se perceber de diversas maneiras, conforme Kohan (2015, p. 217):

a filosofia e o filosofar são também escuta atenta dos possíveis no pensamento, e a infância é, justamente, pelo menos num sentido, o reino das possibilidades e da ausência de determinação. Quando se entra na filosofia, lê-se sempre no seu frontispício: “Tudo pode ser de outra maneira”. Se não for, não há o que pensar.

Se a infância passa a ser entendida como esse reino de criação e possibilidades outras, assim a filosofia também possibilita pensar de outras maneiras, propiciando o novo, o pensar até que ponto é possível pensar diferente do que já se pensa e saber diferente do que já se sabe (FOUCAULT, 1984). A filosofia é a infância do pensamento (KOHAN, 2015) porque é início, é começo, é também novidade. Se a filosofia nasce da curiosidade, da busca pelo saber, a infância não é menos curiosa e busca saber sobre o que não se sabe, é descoberta, é novidade, “a infância nos leva a novos modos de compreensão das coisas” (LEAL, 2008, p. 26).

A filosofia, parece-nos, tem muito a contribuir para a formulação de novas concepções de infância, bem como para novas formas de pensar a criança e para a criança pensar a si mesma



e o mundo. Assim, poderíamos falar de uma cultura filosófica ao lado de uma cultura científica na Educação Infantil, pensando nas possibilidades dessas culturas nas vivências da criança.

CULTURA CIENTÍFICA E CULTURA FILOSÓFICA: POSSIBILIDADES

O pequeno Peter, de três anos e meio, toma uma pequena peneira nas mãos e a põe à frente da face. O que ele faz com aquele objeto? Está em busca de um mistério (ou mitchério, como diria ele). Na sua aventura, a peneira representa uma lupa, aquele instrumento que os investigadores utilizavam para ir em busca e solucionar os mistérios que incubia-lhes desvendar. Muito provavelmente ele tenha visto algo nos desenhos que assiste. Porém, a imagem nos traz uma analogia interessante.

O reino da criança é esse lugar de descoberta, de novidades, no qual elas buscam desvendar os “mistérios” de um mundo que lhes é, à primeira vista, estranho. Quantos mistérios para se desvendar! E se a criança traz consigo essa curiosidade que nos parece intrínseca, por que não fomentá-la na escola? Por que não aproveitar para potencializar a sua vontade de conhecimento?

O filósofo estadunidense Matthew Lipman foi o pioneiro em promover essa prática da filosofia com as crianças. Como afirma Kohan (2008, p. 15), “Lipman não só fundamentou teoricamente o papel da filosofia na educação das crianças, como também desenvolveu uma metodologia e um currículo para levá-las às escolas”. Vemos em Lipman uma proposta de uma prática filosófica com as crianças, de modo a possibilita-las vivenciar, fazer e exercer a filosofia. Trata-se, de “uma **razão filosofante** acima da existência de um sistema acabado de conhecimento filosófico” (KOHAN, 2000, p. 18 - grifo nosso). Destacamos aqui a expressão para enfatizar a prática da filosofia como algo fundante nesse trabalho com as crianças.

A proposta de Lipman é que as salas de aula sejam convertidas em comunidades de investigação. A aula de filosofia torna-se, em sua proposta, espaço privilegiado para que a investigação aconteça, é ela “o lugar adequado para que as crianças desenvolvam o pensamento multidimensional, que se baseia na discussão e no diálogo” (OLIVEIRA, 2004, p. 48). Sobre a definição dessas comunidades podemos encontrar:

é um conjunto de procedimentos e atitudes que garantem uma discussão coletiva sobre temas filosóficos e que desenvolvem as habilidades coletivas rumo ao pensar cuidadoso, crítico e criativo - o pensar bem; nesta comunidade, as relações entre alunos e professores são horizontais, caracterizam-se pelo respeito e pela ética na investigação e no questionamento (OLIVEIRA, 2004, p. 48).

O objetivo é desenvolver esse pensar cuidadoso, crítico e criativo, isto é, o pensar bem, valorizando duas habilidades que as crianças possuem e sabem servir-se delas muito bem: a investigação e o questionamento. Mais uma vez enfatizamos a importância do novo olhar sobre a infância para que esta prática seja possível, pois como afirmam Santos e Macedo (2020, p. 255): “entender a produção das crianças como científicas é um processo complexo que envolve um movimento descolonizador de concepções enraizadas, de fugir do pensamento cartesiano e castrador das diversas possibilidades humanas”. Não parece-nos muito diferente do que se exige para entender a produção das crianças como filosóficas. Há, inclusive, quem questione se essa prática com as crianças que aqui defendemos poderia ser chamada de filosofia.

As características apresentadas para o que entendemos como comunidade de investigação, a qual poderia desenvolver uma cultura filosófica ou fomentar uma **infância filosofante**, parece-nos vir ao encontro daquilo que seria visto como necessário ao fomento de uma cultura científica: o uso do diálogo e da reflexão. A ideia, como afirma Souza (2016, p. 50) é pensar “[...] na possibilidade da criação de espaços para que as crianças vivenciem e experimentem a ciência, dentro da lógica infantil, que engloba a criação, a imaginação e o desejo. É pensar a ciência como veículo de potência para aguçar a curiosidade”.

O que se afirma sobre a ciência poderíamos afirmar sobre a filosofia, pois se trata de criar espaços para que as crianças possam vivenciar e experimentar a filosofia, dentro da lógica infantil, trata-se de pensar a filosofia como uma potencialidade para aguçar a curiosidade que a criança traz consigo. O que propomos e pensamos possível, então, é um trabalho conjunto na instigação de uma cultura científica e de uma cultura filosófica. Ou, por que não, de uma cultura científico-filosófica. Como caracterizá-la e como desenvolvê-la?

A cultura científico-filosófica sobre a qual refletimos pode ser entendida como um conjunto de atividades que instigam na criança a sua curiosidade intrínseca, valorizando as suas vivências-experiências com o mundo circundante, bem como suas inquietações e interrogações sobre a existência. Se é possível falar de uma Alfabetização Científica (PENITENTE; CRUZ; MORAES, 2018), poderíamos pensar numa “Alfabetização Filosófica” desde a Educação Infantil? Se a primeira se trata de que a criança pense de forma científica e racional a realidade que a cerca, poderíamos dizer que a segunda trata de que a criança pense de forma filosófica e racional essa mesma realidade.

O filósofo André Comte-Sponville (2002, p. 12) afirmou que “não há idade para filosofar; porém os adolescentes, mais do que os adultos, precisam ser acompanhados ao fazê-lo”. O professor, nesse caso, aparece como um mediador dessa cultura filosófica. Assim, ao pensarmos na cultura científico-filosófica, pensamos na necessidade dessa mediação, desse



acompanhamento que é responsabilidade do professor. A assertiva sobre a possibilidade de se filosofar em qualquer idade corrobora para a nossa perspectiva da potencialidade da criança filosofar.

O mesmo filósofo nos traz ainda sobre o filosofar em qualquer idade e o mais cedo possível:

Se a vida é assim tão difícil, frágil, perigosa, preciosa, como de fato é, é mais uma razão para filosofar o mais cedo possível [...] É pra isso que serve a filosofia, e é por isso que ela pode servir a qualquer idade, pelo menos a partir do momento em que a criança tem um bom domínio do pensamento e da linguagem. Por que as crianças que fazem matemática, física, história, solfejo seriam proibidas de fazer filosofia? (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 137).

A definição do que pode ser entendido como um bom domínio do pensamento e da linguagem poderia ser problematizado, entretanto, seria possível negar que uma criança de quatro ou cinco anos possui alguma possibilidade de pensamento e de linguagem, ou antes até? O exemplo do pequeno Peter nos sugere que não. E aqui vale lembrar as especificidades desse pensamento e dessa linguagem que podem fugir ao entendimento do adulto, se esse observa e ouve a partir de sua própria perspectiva adultocêntrica.

A pergunta final continua ecoando e esperando de nós uma resposta. Aqui é possível responder como desenvolver o que entendemos por cultura científica-filosófica na Educação Infantil: priorizando a investigação, cultivando os interesses da criança e ampliando os seus conhecimentos. Se a investigação pressupõe a existência de uma pergunta, de um problema que precisa ser solucionado (PENITENTE; CRUZ; MORAES, 2018), a filosofia, como incentivadora de perguntas, parece-nos ser místico para impulsionar o movimento de investigação, de desenvolvimento de uma cultura científica.

UMA METODOLOGIA POSSÍVEL?

A primeira premissa - ou uma das primeiras - de uma metodologia possível a ser desenvolvida passa pelo reconhecimento da possibilidade das crianças produzirem cultura, serem capazes de pensar. Com base em Coutinho (2010), Macedo, Santiago, Santos e Faria (2016, p. 41) afirmam que é esse reconhecimento que amplia o olhar “tomando a criança como ator legítimo no seu processo de desenvolvimento e inserção social, em que as relações horizontais têm um papel fundamental na elaboração das culturas infantis”.

A premissa inicial permite o desenvolvimento de relações horizontais na sala de aula, a qual, como vimos, deveria se converter em uma comunidade de investigação. Nela, acontece um processo dialógico no qual o aluno pergunta e responde sem medo de errar (OLIVEIRA, 2004, p. 52). O filósofo Matthew Lipman, tendo essa ideia como horizonte, desenvolve as chamadas novelas filosóficas, a partir das quais se trabalha os conteúdos de forma dialógica, bem como as habilidades cognitivas das crianças. Assim, com base nele, Oliveira (2004) expõe os procedimentos aos quais os membros da comunidade de investigação devem estar atento, bem como as etapas que uma aula de Filosofia para Crianças deve seguir, conforme expomos abaixo:

Quadro 1: Procedimentos e etapas

PROCEDIMENTOS	ETAPAS DA AULA
Falar cada um na sua vez e sobre o tema em pauta;	Leitura do texto;
Saber ouvir;	Levantamento de questões pelos alunos;
Dar razões, apresentar justificativas ou argumentar.	Agrupamento das questões por temas ou assuntos;
	Tratamento dos temas de interesses dos alunos a partir de exercícios e discussões.

Fonte: OLIVEIRA, 2004

O quadro síntese apresentado acima nos mostra uma estrutura proposta para o trabalho das crianças com a filosofia em sala de aula, com base em Lipman. É necessário frisar que essa seria uma maneira de desenvolver esse trabalho, o que não impossibilita que outras formas diferentes sejam possíveis, embora o essencial seja que se garanta o diálogo e discussão.

O filósofo estadunidense, em sua metodologia, elaborou um currículo para as variadas séries escolares. O currículo consta de novelas filosóficas, histórias em que a maioria dos personagens são crianças para que haja uma identificação entre esses e os leitores que são o público-alvo das novelas: as crianças. Além das novelas, existem os manuais que “propõem exercícios e planos de discussão a partir das ideias principais contidas nas novelas” (KOHAN, 2008, p. 51). Ainda que haja essa gama de materiais produzidos por Lipman, há diversos materiais complementares produzidos em todas as partes do mundo.

O objetivo dessas obras é “enriquecer a reflexão e o diálogo das crianças sobre as questões que as inquietam” (KOHAN, 2008, p.54). Mais uma vez percebemos a importância do diálogo na proposta de Lipman. As novelas tornam-se meio para que as crianças atinjam o fim que é a prática do filosofar.

A novela chamada *Issao e Guga* “mostra a forma com que duas crianças percebem ou descobrem o mundo. Uma delas, Guga, é cega. A outra, Issao, tem, aparentemente, todos os sentidos “normais”. Assim, sua percepção é outra e sua relação com o mundo e as coisas também” (KOHAN, 2008, p. 57). Interessante que essa história traz uma analogia interessante quando pensamos nas crianças que descobrem o mundo. E é isso que a prática filosófica pretende proporcionar às crianças.

O professor, nessa prática, “[...] cuidará para que os alunos fundamentem sua postura, que levem em consideração a resposta dos colegas e que considerem diversas alternativas, mas de forma alguma ele deverá providenciar as respostas nem procurará que os alunos coincidam nelas” (KOHAN, 2008, p. 58). O respeito pela capacidade das crianças em filosofar é apontada como uma das atitudes esperadas do professor na prática com o ensino de filosofia para/com crianças, o respeito pelas suas expressões, ainda que diferentes do olhar adultocêntrico.

É preciso dizer que a metodologia proposta por Lipman é uma das tantas possíveis na prática com o ensino de filosofia com crianças. Pelo seu pioneirismo, pelo seu caráter fundante, pensamos ser importante trazê-lo para a discussão, tendo em vista que muitos especialistas nessa prática apontam para uma necessidade de adequar a proposta ao contexto no qual ela será desenvolvida.

Sobre o programa, assim afirma Kohan (2008, p. 71):

consideramos esse programa o intento mais sistemático e rigoroso de levar filosofia às crianças. Ele tem um valor fundante inquestionável: abriu caminhos intransitados até então pela filosofia. É pioneiro, inaugura horizontes. Além disso, ele afirma uma *prática* absolutamente renovadora frente aos modos habituais de entender a filosofia em nossas escolas e universidades. É extremamente fértil e criativo. Frente a práticas educacionais autoritárias e dogmáticas, mostra-se como um instrumento renovador de inquestionável valor. Por outro lado, esse programa tem uma série de limitações.

O autor reconhece, e nós concordamos, que há uma série de limitações para o programa, entretanto, é inegável suas tantas contribuições. Como já afirmamos, a proposta central que aqui defendemos é a necessidade e possibilidade da prática da filosofia com crianças, ainda que em outros modos, para que uma cultura científica-filosófica seja realizável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa sugere a possibilidade de uma cultura científica-filosófica na educação das crianças pequenas. Pelo caráter investigativo e inquisitivo próprio das crianças, características comuns às atitudes científicas e filosóficas, defendemos que desenvolver essa prática seria respeitar aquilo que é próprio da infância.

A prática de uma cultura científica-filosófica se torna possível quando se acredita no potencial das crianças para se envolverem com essa prática, a partir de uma visão positiva da infância e do respeito às especificidades das crianças, compreendendo que elas possuem suas formas próprias de compreensão do mundo em que estão inseridas e de expressão dessa compreensão por meio de uma linguagem que muitas vezes lhes é própria.

A proposta de Lipman, para o desenvolvimento de uma prática filosófica com crianças, respeitados os contextos existentes, pode ser uma forma de fomentar e incentivar a instalação da cultura científica-filosófica que aqui propomos. Por investir no diálogo, numa prática que resguarda uma horizontalidade entre os atores envolvidos no processo, por trabalhar com narrativas, aquelas que possibilitam uma identificação com as crianças-personagens, pensamos ser uma proposta a ser considerada.

A constatação do que aqui expomos seria de grande contribuição para o desenvolvimento da temática que apresentamos, qual seja, a promoção de uma cultura científica-filosófica na Educação Infantil. Portanto, uma pesquisa empírica que forneça evidências da prática que propomos, a partir dos elementos apresentamos, seria de grande proveito para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- KOHAN, Walter O. **Filosofia para Crianças**. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- KOHAN, Walter O. “Visões de Filosofia: Infância”. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 17/2, p. 216 – 226, jul./dez., 2015.
- LEAL, Bernardina Maria de Souza. **Chegar à infância**. Tese (de Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.



OLIVEIRA, Paula Ramos. **Filosofia para a formação da criança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MACEDO, Elina Elias de; SANTIAGO, Flávo; SANTOS, Solange Estanislau dos; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Infâncias e descolonização: desafios para uma educação emancipatória. **Crítica Educativa**, v.2, n. 2, p. 38-50, jul./dez., 2016.

PENITENTE, Luciana Aparecida de Araujo; CRUZ, Wesley Oliveira da; MORAES, Tatiana Scheneider Vieira de. **Educação em foco**, ano 21, n. 35, p. 221-244, set./dez., 2018.

SANTOS, Solange Estanislau dos Santos; MACEDO, Elina Elias de. O/A pesquisador/a como adulto/a atípico e os desafios das pesquisas com crianças. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 28, p. 249-259, 2020.

SOUZA, Carolina Rodrigues de Souza. A ciência no espaço educacional da criança: do fazer ciência à ciência do fazer. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 1, p. 42-51, 2016.